

A NAMORADA AZUL

JOÃO BOSCO ARAÚJO MOREIRA

De seu vôo orbital Gagarin viu o mundo azul. No fundo de meus olhos, a namorada azul. Vejo-a transparente, esguia, humana, total, caminhando com incompreensível determinação para meus braços abertos. Sei que vou reconhecê-la à primeira vista. Melhor dizendo, nos reconheceremos. Também ela traz consigo há séculos meu retrato.

É sofrida a espera, a busca. Observo com perplexidade como os amigos resolvem sem esforço suas vidas: conhecem uma garôta atraente, mais ou menos popular, levam-na ao cinema, à festa, ao clube e tão logo se certificam de que a menina é mais ou menos rica, casam-se e vão criar seus filhos na paz de Deus e na aprovação dos homens. Os amigos me acham complicado e não encontro argumentos para desmentí-los. Em verdade é insólita a busca da namorada azul. Fiz, porém, dessa busca meu culto e só através dela conseguirei redenção. Céu só pode ser a namorada azul me conduzindo de meu egoísmo para a comunhão com o universo e seus infinitos, seus absolutos, seus instantes de eternidade.

Convencionou-se que os homens são calculistas e não têm medo; devem ser heróis e fazer a guerra. Mas não sou herói e tenho medo. Tenho medo da solidão que dilacera as pessoas e as tornam secas. Nas madrugadas de chuva, muito só e muito cansado da ausência da namorada azul, chego a admitir minha quixotice e a vida que estou perdendo em troca de um sonho.

Um sonho alienado, como me repreendem os amigos. Mas alienado como, meu Deus, se a namorada azul representa a única chance de me ajustar ao mundo e às criaturas? Meu sonho é minha briga com a realidade fria, a mediocridade desumana. Na curva do século, quando tudo se compra e tudo se vende, existe uma mulher que me foi destinada desde o princípio; com uma espécie de vocação ela caminha no meio da multidão justamente para mim. Seus menores gestos refletem sua predisposição à felicidade: ela vem despojada, não pede, nada exige; ela sabe que quanto mais se der, mais receberá. Ela vem silenciosa para fazermos de nosso encontro um hino.

Transparente e azul na sua distância, no seu abismo, não a percebo com a nitidez que desejava. Ela agora, por exemplo, que estará fazendo? Tece uma blusa de lã para o inverno, lê os ensinamentos de Maharish Mahesh, sorri um poema que ainda vou escrever, pratica sua ginástica "ioga", medita diante de um copo de vinho, dança em ritmo de fuga ou simplesmente me espera na perdida esquina da ansiedade? — Saberá ela rezar? Sei que ela caminha com a convicção do sorriso e a ligeireza da mágica. — Seus olhos como serão? Ah, olhos verdes e seu secreto fascínio! Quantas vezes teimei em relacionar aqueles estranhos olhos verdes com os da namorada azul! Hoje tenho certeza de meu engano. Olhos verdes só conseguem amar a riqueza, o conforto, a glória e na sua conquista valem-se de todos os recursos, inclusive a traição. Não os recrimino. Calculo, no entanto, que a namorada azul dificilmente terá olhos verdes porque sou pobre, contemplativo, rústico, sentimental. Sei, contudo, diluídos em mil névoas, os detalhes de seu rosto magro e a luz de seu olhar que é, a um tempo, apêlo sexual e mistério ascético apenas comparável ao das monjas em estado de comunicação divina.

Depois das estrélas cadentes ela virá. Sinto-a irresistivelmente próxima, muito freira, muito fêmea, muito minha. Então me simplifico na criança de que tenho nostalgia e cultivo meu estado de graça com a humildade das vésperas de Natal. É preciso ser criança para pressentir sua chegada, captar-lhe o sorriso e retribuir sua mensagem na mesma freqüência, com

idêntica integridade. Ah, eu e a namorada azul nos completando num abraço! Ah, exultarei, direi que ela demorou e que o botão de rosa que lhe guardo não tem nenhum espinho. — “Nós dois para a vida e a morte!” responderá ela como se compreendesse e instantâneamente aceitasse o mistério. Ah, a primavera umidecerá nossos lábios e nosso beijo será a doce oração, a sublime oração, a fértil oração, abençoando-nos homem e mulher. O gôsto salgado da lágrima será experiência de ontem; hoje e amanhã será o tempo suave do orvalho. De mãos dadas descobriremos continuamente o futuro, de mãos dadas descobriremos continuamente o amor, suas surpresas, seus prodígios, seus segredos, suas exigências, seus absurdos, seus êxtases, suas loucuras, seus desafios, suas iminências, suas devastações, seus silêncios, seus vôos, sua afinidade com o inexplicável e com a noite e com a última das galáxias. Talvez os amigos falem em casamento, mas é mesquinho incluir-se convencionalismos na perspectiva do grande amor. Importa o milagre dentro de nós. Tanta felicidade dentro de nós que de pura alegria sairemos distribuindo-a pelo mundo. Da plenitude o mundo deve ser azul.